

SOBRE A LINGUAGEM POÉTICA E ESCUTA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA
ABOUT POETIC LANGUAGE AND LISTENING IN THE PSYCHOANALYTIC
CLINIC

Eliane de CHRISTO OLIVEIRA
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)
eliane@fototerra.com.br

RESUMO: Este artigo traz questões da clínica psicanalítica, a partir da fala de pacientes, que, em muitas situações, lançam mão de letras de rap, de rock, poesias, para falar de si, das identificações e dificuldades nas travessias que fazem na metrópole paulistana, frente aos “muros sociais”. Neste sentido, o objetivo aqui é poder contribuir com uma discussão acerca dos desafios que o paciente lança ao analista, colocando-o num lugar de escuta e de tradução (DERRIDA, 2000) das suas dores psíquicas e sociais e que são mediadas pelas “citações” encontradas na cultura. Freud, Lacan e Jakobson fundamentam a discussão.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem, poética, psicanálise, palavra, fala.

ABSTRACT: *This article raises questions about the psychoanalytic clinic, based on the speech of patients, who, in many situations, use lyrics of rap, rock, poetry, to talk about themselves, the identifications and difficulties in the crossings they make in the metropolis of São Paulo, against the “social walls”. In this sense, the objective here is to be able to contribute with a discussion about the challenges that the patient throws to the analyst, placing him in a place of listening and translation (DERRIDA, 2000) of his psychic and social pains, which are mediated by “quotes” Found in culture. Freud, Lacan and Jakobson support the discussion.*

KEYWORDS: *language, poetics, psychoanalysis, word, speech.*

0. Introdução

A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.

(Manoel de Barros)

No “campo da palavra” cabe intervalos, vírgulas, interpretações. Há aquelas palavras que se traduzem, letra a letra, naquilo que efetivamente se quer dizer. Por vezes, elas não encontram representações gráficas, nem nunca foram pronunciadas. Ficam, por assim dizer, impronunciáveis. Se as letras, somadas umas às outras, podem, efetivamente, construir palavras, estas só poderão ser viabilizadas pelo sujeito na linguagem. Palavras se encadeiam tal como as letras. Se as letras se tornam palavras, palavras se tornam frases, enunciados. Abre-se, assim, caminho para a composição narrativa.

Matéria prima da escrita, mas não só dela, a palavra tem lugar de destaque na literatura, assim como nos enredos da vida prosaica, nas transmissões orais, nos rituais religiosos, na poesia, letras musicais, e maneiras diversas de se comunicar. Mas é na psicanálise que a palavra carrega em si o desejo. Será esta a trilha, a da palavra carregada de desejo, que este trabalho percorrerá, refletindo sobre a relação entre linguagem poética e psicanálise, na tentativa de demonstrar a incidência que esses saberes têm um sobre o outro.

A escuta da clínica analítica é sensível a isso que chega da fala do paciente que, ao dizer de si, porta uma verdade estruturada como ficção à medida que passa pela linguagem. O trabalho realizado na clínica psicanalítica testemunha esta operação, no que tange à estrutura, mas por outro lado abre-se para a singularidade com que um dito é pronunciado ainda que se trate de um mesmo tema.

A arte do analista também consiste em desenvolver a capacidade de falar as muitas línguas de universos simbólicos, e assim a psicanálise é uma experiência de linguagem, que não se ocupa da doença, mas da subjetividade do ser. Portanto, nada do que é dito em análise ganha estatuto de óbvio. Todo dizer é elevado à potência de uma acústica singular.

Esta face sensível da linguagem, a fala, que muitas vezes se cala, fica no indizível, encontra ressonância na escuta analítica, que reconhece no silêncio aquilo que não pode ser nomeado, o impossível de representar. Para Lispector (1991:172):

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas - volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.

Na clínica psicanalítica, lugar de escuta da palavra e do silêncio, o falante ali, na condição de paciente, lança mão do seu repertório, tentando colocar em palavras aquilo que no corpo já não cabe. Por vezes, nenhuma palavra traduz, não se pode dizer, embora se tente falar. Fica-se muitas vezes no silêncio, fica-se no intervalo, nessa fronteira, quase como se estivesse na iminência de entrar num outro território, em cuja língua estrangeira não oferece a palavra "certa" para dizer. No reticente se faz silêncio, ouve-se o eco do indizível. Ali só o traço de uma inscrição que um dia foi, mas que agora não encontra correspondência na "língua estrangeira" em si. O que antes tinha uma certa sequência letra a letra, linha a linha, perde o sentido e abre espaço para o não sabido. Assim, repete falas e arrisca palavras, tentando entender e se fazer entender, o que o coloca numa posição de estrangeiro de si mesmo, à medida que há limitação na linguagem para dar conta do real. Lançam-se apelos ao analista, na tentativa de que este lhe empreste significantes. É quase como se o paciente colocasse o analista no lugar de tradutor, o que se configura num desafio, à medida que não basta uma literalidade. Há algo para além da língua. Nesse sentido, o analista é instigado o tempo todo a revitalizar sua clínica a partir da demanda que chega e que está na cultura.

O fazer psicanalítico, desde Freud, recolhe da clínica a novidade e acolhe a singularidade da história daquele que busca por análise. Neste artigo privilegia-se o recorte dos repertórios do rap, do rock ou de poesias, que são tomados de empréstimo pelo paciente. Considera-se importante destacar que muitos desses sujeitos, recebidos na clínica - e que chegam por uma rede de atendimento que tem como objetivo proporcionar espaço de escuta analítica por valores financeiros acessíveis ao paciente -, são marcados por cenas violentas e de preconceito dirigidos a eles próprios, aos seus familiares, ou observados no entorno onde vivem ou por onde circulam. São pessoas que trazem, sobretudo, uma dor da voz calada, uma dor que vem da cor da pele, de abusos, de uma deficiência física que marca seus corpos, de uma imagem que não corresponde ao padrão ditado, da orientação sexual, dos excessos incontornáveis de comportamento nas escolas ou ainda uma dor de desamparo, que não cessa com a automutilação. Suas narrativas evidenciam uma São Paulo exausta, dividida, que não dorme e que tem

o trânsito como imperativo. Uma cidade que desafia o tempo todo, todo o tempo. Esses sujeitos vivem nela e por ela são afetados. Ao lado da dor psíquica, uma dor social.

Ao oferecer a escuta, o analista fica diante das palavras ditas e daquelas silenciadas, as quais o conduzem para o sofrimento do sujeito que procura por análise. Alguns tem fé, outros já a perderam ou só ouviram falar. O rap é quase uma oração, mas também o rock nacional ou outras músicas desconhecidas, assim como a poesia de Fernando Pessoa e frases de Zygmunt Bauman. Ao tomar emprestado repertório de significantes de um outro, com o qual se identificam, aplacam minimamente a angústia da falta da palavra. Um curativo provisório até que se forjem palavras próprias e se autorizem a dizer em próprio nome. Primeiro, precisam achar um sentido, uma direção.

Pela via da poesia, da literatura e da música, uma saída ou quem sabe um acesso. Estaria assim a poética intermediando o que ainda não pode ser dito, nem tem nome, no processo analítico do sujeito?

1. O trânsito poético das palavras na clínica analítica

Como se pode ler em Jakobson (2010), além da prosa e da poesia, a função poética está presente em outras manifestações artísticas como: fotografia, música, teatro, cinema, pintura ou em qualquer modalidade discursiva que se expresse e subverta a visão convencional. A poética, e seus sentidos, não é restrita a uma escrita tradicional, a uma estrutura textual em forma de poema, a uma rima, a uma métrica apenas. Seu alcance atravessa a experiência humana, num movimento atemporal, em suas manifestações artísticas, nas cenas cotidianas, nas paisagens e contrastes urbanos, no caminhar distraído de uma pessoa qualquer, flagrado pela lente de um fotógrafo em prontidão ou num grafite sendo composto, no qual a imagem do seu autor se mistura à arte em construção.

A poética, proprietária de uma espécie de tentáculos, espalha-se em letras de músicas compostas, em poemas musicados, em filmes que se inspiram, nas ressignificações, nas batalhas de rap, cujo contexto social impulsiona rimas. Tudo isso são modalidades artísticas e materialidade por meio das quais os sentidos poéticos se apresentam, por meio dos quais o inesperado surge no lugar do esperado. Se a língua é uma, ela também se abre para a variação, como são os dialetos, as criações individuais na prosa e na poesia, como são os deslocamentos que surpreendem o automatismo.

Para Jakobson, numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda a teoria dos signos, quer dizer, à semiótica em geral. Isto é válido tanto para a arte verbal como para todas

as variedades de linguagem, uma vez que a linguagem compartilha muitas propriedades com alguns outros sistemas de signos ou mesmo com todos eles (traços pansemióticos). Sobre isso, o autor esclarece que as relações entre a palavra e o mundo diz respeito não apenas à arte verbal, mas a todas as espécies de discurso.

Para ele, a separação da poética e da linguística em campos – no que tange ao contraste entre a estrutura da poesia e de outros tipos de estrutura verbal – é errôneo. Aqui cabe destacar que o autor reconhece que qualquer conduta verbal tem uma finalidade, mas os objetivos variam.

O poeta da linguística como é conhecido, Jakobson foi um grande apaixonado pela poesia. Campos (2004), ao se referir a ele, destaca o seu rigoroso pensamento científico e a sua notável sensibilidade para a arte. Conforme Campos, o que foi decisivo na formação de Jakobson foi o seu contato jamais interrompido com artistas e poetas, sobretudo aqueles engajados na renovação de seus respectivos instrumentos. Campos aborda algumas das fundamentais contribuições do poeta da linguística - a quem ele se refere como mestre russo -, para a estética e para a crítica literária, ressaltando que é no campo da análise da poesia que o aporte de Jakobson se faz notar. Conforme Campos (2004:188):

Pode-se dizer que o núcleo de seu pensamento, neste particular, reside na relação dialética entre *som* e *sentido* [...] que vem sendo desenvolvida por ele em reflexões teóricas e aplicações analíticas. Em poesia, afirma Jakobson, 'toda similaridade aparente no som é avaliada em termos de similaridade e/ou dissimilaridade no sentido (grifos do autor).

O som e o sentido das palavras também compõem nas marcas do corpo do sujeito, que desde o início da vida é banhado pela linguagem. Dito de outro modo, o corpo é em si uma escritura; e se as palavras ali dormem, se apagam ele ou o amarram - ao longo da existência -, a língua sempre estará ali, ainda que estranha, ainda que não a entendamos. E, estando no corpo, será fala, mas também será silêncio. Exigirá do interlocutor que este ouça nos intervalos, no não-dito, no efêmero, na fratura, no fragmento da história que deseja ser contada.

Mango, na obra *Freud e os escritores*, Pontalise Mango (2014:13), em nota sobre o Dichter (poeta), relata que:

Freud teve a coragem de introduzir no espaço do saber científico a figura do *Dichter*, do poeta, severamente apartado pela academia de sua época. Fez do poeta um dos interlocutores primordiais de sua obra. Reconhecia na *Dichtung* um acesso privilegiado à verdade psíquica.

Esse reconhecimento de Freud - sobre a literatura como a mais privilegiada interlocutora da psicanálise -, nos dá suporte para discutir

aqui neste artigo o quanto a poesia pode ter espaço amplo e de destaque na própria formação do analista, à medida que se antecipa sobre a dor do humano e se coloca em posição de escuta disso que ainda não tem nome. Destaca-se esta importância, tendo em vista que o atravessamento da clínica é levado em conta, no que tange aos significantes (da música e da poesia) tomados de empréstimos por pacientes como maneira de dizer de si no processo analítico e achar um sentido para as suas vidas à deriva. Dessa forma, nisso que um fala e o outro escuta, e que o sentido para aquele que diz, só ganha este estatuto quando o analista escuta, há na cena de análise espaço para ocorrência poética.

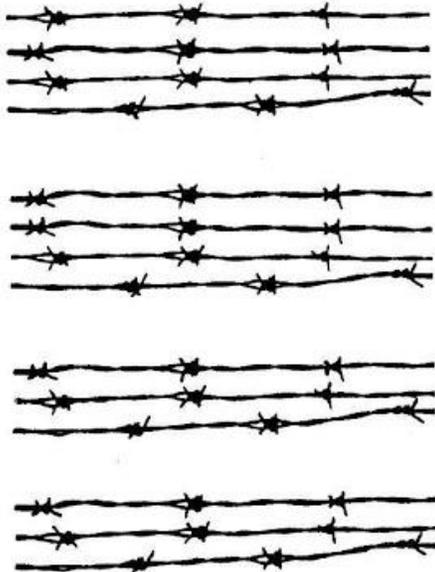
Na sequência apresentaremos dois recortes de sessão de pacientes. O primeiro, um musicista, cujo nome leva o sufixo "son". Ele é apaixonado pelos instrumentos musicais. Por ora é DJ (Disco-jóquei) na região da Rua Augusta, no Inferno, como costuma dizer. Sonha em ser professor no CEU (Centro Educacional Unificado). O segundo é um adolescente, estudante de Direito, com problema de mobilidade e que encontra nos grupos e nas batalhas de *rap*, espaço e interlocução.

O primeiro traz em sessão de análise:

No limite em que posso ir, avançar, ando de lado, não me livro do problema, mas o somo a outros tantos e não consigo deles me desvencilhar. Me enrosco pelo caminho. E quando olho pra frente, me vejo no mesmo lugar. Não consigo cruzar a fronteira, fico à margem.

Diante dessa sua fala, a analista, pontua e interpreta: é como se esta fronteira, na qual você se enrosca, fosse um arame farpado. E ele continua: "arame farpado, ar ame. Arame farpado lembra partitura". Segue na sua elaboração, dizendo sobre a progressão harmônica 2 5 1 da música, explicando que é preciso entrar em tensão como na música, que tem seu ápice para depois ter a resolução. Finalmente conclui: "Acho que tenho de deixar de lado esta ideia de que preto e pobre têm que ficar à margem".

Figura 1



"APARTHEID SONETO" © AVELINO DE ARAUJO 1988

<http://resumodachuva.blogspot.com/2008/02/apartheid-soneto.html>

Na segunda vinheta, chamamos a atenção para a prosódia da fala do adolescente que, embora não se possa ouvir, dado que aqui está escrito, traz um ritmo daquele das batalhas de rap. Ao trazer para o contexto de sua análise, uma situação de "rolê", em que participou de batalhas de rap, na cidade de São Paulo, me diz, numa certa batida como se fosse também uma batalha:

Acertei meu bic no corsa
O povo racho o bico
A tenda rasgou no meio
Inda bem que chovia
E embora a chuva roubou minha brisa
Ajudou pro nego num sai do corsa
Pra sabe que é que tinha rolado
Num pode dá B O
Senão num rola OAB
Nesse B ÓÓ A B é que tá a tensão
Tensão da dúvida
Quando tem certeza fica suave
Mas difícil mesmo é quando a tensão rola no escuro
A luz tá apagada e se sente algo que se achega
Rapidão se acende a luz
O bagueio é loco
Rua não é creche: é escola
Eu sou rua

Nas vinhetas trazidas acima, duas formas subjetivas de viver a cidade, em que cada sujeito traduz em palavras o ritmo e o som da sua experiência. Vivenciam uma mesma pauliceia, massentem de maneira diversa as suas tensões, os seus atravessamentos. Derrida (2000:41) defende que “a palavra relevante transita por várias línguas e exhibe, na sua multiplicidade, a impureza do limite e a insuficiência angustiante da tradução”. Tomando o que diz Derrida, sobre a palavra “relevante” na tradução - e pensando o lugar de escuta e de tradução em que fica o analista -, o analista estaria de alguma maneira diante de um trabalho sobre línguas, em que a palavra do paciente se oferece enquanto enigma. Nesse encontro, fazendo uma articulação com o que escreve Derrida, o analista teria diante de si o desafio de provocar no paciente uma nova escritura ou reescritura performativa ou poética.

A linguagem é este traço distinto que marca o corpo da espécie humana. Esta linguagem que marca traduz-se em palavras que dormem, que se apagam, se amarram ou despertam. E, marcando o corpo, a linguagem será fala, mas também poderá ser não dito, mal dito ou bem dito, traços que nele restam ao modo de hieróglifos.

Entendendo a psicanálise como uma experiência de linguagem, assim como o é a poesia, concordamos com esta passagem de Didier-Weill (2014:17):

O humano é efeito da mestiçagem de substâncias tão heterogêneas quanto o são a materialidade do corpo, a imagem do corpo e o verbo enxertado neste corpo [...] essa mestiçagem, pela qual o real, o simbólico e o imaginário se entrelaçam, institui entre corpo humano, imaginário e palavra uma nodulação cujo caráter problemático se traduz por este sofrimento que se chama de sintoma.

Este mal-estar que toma conta do sujeito, que chega na clínica psicanalítica, o faz um desconhecido de si mesmo, como se algo de estranho o tivesse invadido. Ali só o traço de uma inscrição que um dia foi, mas que agora não encontra correspondência na “língua estrangeira” em si. O que antes tinha uma certa sequência letra a letra, linha a linha, perde o sentido e abre espaço para o não sabido.

Em uma passagem, quando fala sobre sintoma neurótico, Lacan (2007:62-64) esclarece que:

[...] o sintoma neurótico não é um signo, é uma fala, estruturada como uma linguagem [...]. O sintoma como tal é uma linguagem definida por sua estrutura. O sintoma de um sujeito particular é uma fala, fala amordaçada, inconsciente para o sujeito. O modo de abordagem psicanalítico consiste em elaborá-lo pela particularidade da história desse sujeito, e é sobre isso que é preciso se deter para conhecer tanto o sentido como os limites da ação analítica. [...].

A história que se conta no setting analítico bem pode ser lida como literária, do mesmo modo que as palavras ditas neste ambiente acústico distinto podem ressoar como dialetos em línguas desconhecidas, proferidas pelo estrangeiro de cada paciente. Afinal, aquilo que leva um sujeito para a análise tem este quanto de estrangeiro em si que surge, um não reconhecimento de si mesmo no cotidiano, como se algo tivesse sido perdido. E chegando nesta espécie de “nó-cego” da própria vida, nenhuma palavra consegue traduzir o que se passa no mundo interno em pleno descompasso com o externo. Daí a acústica do *setting* analítico poder proporcionar um encontro inédito entre o dito pelo paciente e o que escuta um analista.

Conforme explica John (2015), a enunciação seria, em termos linguísticos, o ato de enunciar, e o enunciado, o resultado deste ato de enunciação, uma criação do sujeito falante. Mais adiante, ao falar da impossibilidade de separar ficção e realidade na narrativa da própria história, tanto na psicanálise quanto na autobiografia, John lembra que desde os tempos de *Anna O*¹, a psicanálise pode ser descrita como “cura pela palavra” o que evidencia sua estreita relação com a linguagem.

Ao abordar sobre o início do tratamento, assim escreve Freud ([1911] 1996:150):

Uma coisa mais, antes que você comece. O que você vai dizer deve diferir, sob determinado aspecto, de uma conversa comum. Em geral, você procura, corretamente, manter um fio de ligação ao longo de suas observações e exclui quaisquer ideias intrusivas que lhe possam ocorrer, bem como quaisquer temas laterais, de maneira a não divagar longe demais no assunto. Neste caso, porém, deve proceder de modo diferente [...]. Você nunca deve ceder a estas críticas, mas dizê-lo apesar delas – na verdade, deve dizê-lo exatamente porque sente aversão a fazê-lo [...]. Assim, diga tudo o que lhe vier a mente. Aja como se, por exemplo, você fosse um viajante sentado à janela de um vagão ferroviário, a descrever para alguém que se encontra dentro as vistas cambiantes que vê lá fora [...].

¹Pappenheim, Bertha (1860-1936), caso Anna O. A história de Anna O. é um dos mitos fundadores da psicanálise. O relato do caso dessa moça vienense, que contava 21 anos na época de sua doença, foi exposto por Josef Breuer em 1895, nos Estudos sobre a histeria. Desde essa publicação, mediante a qual os autores propuseram, ao mesmo tempo, uma nova definição da histeria* como doença das reminiscências psíquicas, e a invenção de um método de tratamento inédito (baseado na catarse e na ab-reação), o caso Anna O. não parou de ser comentado, tanto por historiadores quanto por clínicos. Uma imensa literatura, em diversas línguas, foi consagrada a essa mulher a quem se atribuiu a invenção da psicanálise. Com efeito, tratada por Breuer entre julho de 1880 e junho de 1882, Anna O. deu o nome de *talking cure* a um tratamento que era feito pela fala, e empregou o termo *chimney sweeping* para designar uma forma de memorização por “limpeza de chaminé”. [...]. (ROUDNESCO, 1998, pp. 568-569). Ver mais em Dicionário de Psicanálise.

Este processo narrativo - em que se configura a associação livre entre palavras, feita por um paciente em análise -, que convoca o analista a pontuar e interpretar, além do que instituiu Lacan sobre o inconsciente ser estruturado como uma linguagem, evidenciam uma proximidade entre o gesto da escrita e da construção em análise, de modo que fica evidente a proximidade da literatura e psicanálise.

Quando se refere à relação entre processo analítico e narrativo, John (2015:90) nos esclarece que:

Para alguns psicanalistas e críticos literários envolvidos com a psicanálise, o estudo de tal relação culminou no entendimento do processo analítico como um processo narrativo, no qual o material trazido pelo paciente é visto como um "texto" a ser "lido", e o trabalho de análise é comparado a uma criação literária. Tal movimento, chamado de "approach narrativo", gerou intenso debate no meio psicanalítico e literário, principalmente nos anos 1980.

Em consonância com o que escreve John, na biografia sobre Clarice Lispector, Gotlib (1995) traz uma carta do filósofo José Américo Pessanha - em resposta a Clarice, acerca do seu "Objeto Gritante" (que posteriormente ganhou o título de Água Viva). Pessanha escreve de São Paulo, em 5 de março de 1972, o que Gotlib classifica de uma arguta e sensível crítica da evolução do processo narrativo de Clarice. Recortamos este trecho, trazido por Gotlib (1995:406), em que Américo Pessanha assim se coloca:

[...]Tento me explicar melhor: você se transcendia e se "resolvia" em termos de criação literária; agora a 'literatura' desce até você e fica (ou aparece) como imanente ao seu cotidiano; você é seu próprio tema - como num divã de psicanalista, em que se fala, fala, sem texto previamente ensaiado [...] Vejo você, minha amiga, vivendo um momento de encruzilhada interior e transfigurada em linguagem. [...].

Ao privilegiar o recorte acima, a intenção é chamar a atenção para o tema central deste escrito, o qual estabelece que há um encontro entre o bem dizer da poesia e o dito no divã. O sujeito, ao se entregar à associação livre, suspendendo a racionalidade da sua narrativa, se assemelha ao poeta e ao escritor que lançam mão das suas fantasias em suas produções. Isso, no entanto, de fazer nascer as palavras, não é sem dor, pois não se trata de uma palavra qualquer. Até que nasça é ela um silêncio existente que habita o corpo. A travessia de uma análise, a experiência analítica: eis aí a possibilidade de romper o silêncio que habita o corpo por meio do dizer, embora o que dizer nunca se esgote. A

fonte da qual bebe um poeta nunca se esgota, nem tampouco o que há para ser dito pelo sujeito nesta busca de reescrita da própria história.

Desde que Freud contrariou a clínica do olhar - dominante no final do século XIX, período histórico em que funda a psicanálise -, o sujeito é este dividido e marcado por impasses, sujeitado ao funcionamento do inconsciente, portanto o sujeito psicanalítico é o sujeito do inconsciente e sua verdade é a realidade psíquica. Desse modo, a única clínica que pode contemplá-lo é a clínica da escuta, esta inaugurada com e por Freud. Entre as manifestações do inconsciente estão os lapsos, atos falhos, sonhos e chistes, ou seja, tudo o que a ciência colocou de fora, Freud recolheu. Embora ele não se distancie do discurso médico, encontra nos poetas, nos escritores e nas artes em geral, interlocução de destaque. Conforme Freud (1907):

Os poetas são aliados valiosíssimos e seu testemunho deve ser altamente estimado, pois eles costumam saber uma infinidade de coisas, "entre o céu e a terra" que nossa sabedoria acadêmica ainda não deixou sonhar.

Ao longo da escrita deste artigo buscamos trazer alguns aspectos do fazer do analista e do fazer poesia, ao lado da afetação estética da posição de escuta num setting analítico para as falas de pacientes que lançam mão de versos de poesias e trechos de livros, de rap e de outras músicas, como recursos.

Destacamos as contribuições da subversão freudiana e da formalização lacaniana - que vai além de delimitar o campo do inconsciente, revelando sua estrutura como linguagem. A partir daí, o inconsciente ganha a possibilidade de interpretação, que é o que se constata na clínica psicanalítica quando, em seu divã, o paciente fala (sem preocupar-se com o sentido do seu discurso) e o analista em sua posição, pontua, interpreta e colabora nas construções.

De acordo com Bellemin-Nöel (1983:121):

O inconsciente é o fato de sermos condenados a repetir um passado que não recordamos e a ter como lembranças o que jamais se repetirá na sua forma primeira. A literatura é o conjunto dos escritos explicitamente agrupados sob o signo da ficção que reelaboram esse passado pulsante de secreta verdade e que se encontram de maneira direta submetidos à lei de seu desconhecimento.

2. Considerações finais

Esperamos ter situado, ainda que de forma sucinta, o cenário teórico e da experiência da clínica analítica que sustentou a condução deste artigo. Como pode-se perceber ao longo da construção deste

trabalho, além do aporte teórico da psicanálise, compareceram poetas e escritores, bem como Jakobson com sua função poética e Haroldo de Campos. A eleição de trechos de poesia, de textos literários e das vinhetas de sessões foram aqui tomadas para poder demonstrar a presença da afetação estética, ou melhor, afetação poética na escuta de um analista. As “citações” usadas por pacientes em análise, as aspas que tomam emprestadas de poetas e escritores para poderem dizer de si até que, efetivamente, acessem palavras e nomeações para dizerem do seu sofrimento, é o que tem peso nesta reflexão. Dessa forma, a finalidade é poder avançar numa discussão do poema como uma exacerbação do sintoma, numa perspectiva de um sintoma bem dito, do bem-dizer. Nesse sentido, a clínica nos revela que, pela via da identificação com as expressões poéticas e com os artistas, o sintoma pode passar a outra coisa.

O sujeito nasce no campo da linguagem do outro, portanto alienado à fala desse outro, o que implica no uso dos significantes e do discurso desse outro para dizer de si mesmo. Dito de outra forma, é a mãe que nomeia o que se passa com o bebê; isso que se passa são desconfortos, os quais ganham nomeações como: frio, calor, dor etc. Então aquilo que não tem nome, só ganha nomeação pela via do outro.

Entre os tantos fatores que fazem com que um sujeito busque por análise está aquele que anuncia uma busca por mudança ou por algo que se crê perdido, além de insistentes repetições que o acomete. De todo modo, o único repertório de que dispõe este sujeito é este “herdado” do outro que o banhou com sua linguagem. A nossa hipótese é que, ao conseguir deslizar por “citações” de poetas e escritores, esse sujeito encontra um meio para se autorizar a dizer sobre si de um outro jeito. Por intermédio dos significantes e discurso do bem-dizer podem recolher letras e construir palavras mais próprias e nomear seu sofrimento com palavras menos “acostumadas” à moda de Manoel de Barros, que não gosta de palavras acostumadas. Temos clareza, no entanto, que o percurso de uma análise se dá por insistentes incidências de refrões, repetidos refrões, e uso da mesma tecla até que o sujeito se faça autor da palavra recebida. Um caminho necessário como nos assegura Freud, à medida que só pela repetição e recordação pode se chegar a uma elaboração.

Sabemos que a invenção da psicanálise é marcada pela fala da “mulher histérica”, a exemplo de Ana O, que encontra em Freud uma escuta. Enquanto herdeiros desta clínica da escuta, o analista contemporâneo recebe em seu consultório outras tantas demandas, mas todas pedem um lugar que garanta a fala, todos os sujeitos buscam por um discurso próprio por meio do qual possam delinear de um outro modo seus caminhos. No cotidiano da clínica, não é raro que um caso inicie por

CHRISTO OLIVEIRA, Eliane de. Sobre a linguagem poética e escuta na clínica psicanalítica. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 98-111, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

torrentes de “palavras acostumadas” para só, ao longo da análise, ganharem o status de poder compor os internos silêncios em palavras que nascem. Aspirando um discurso em próprio nome, até que consigam forjá-lo, tomam de empréstimo “citações” de poesias, trechos de livros, letras de rap ou de outros estilos musicais.

Referências bibliográficas

BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: editora Record, 1997.

_____. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: editora Alfaguara, 2019.

BELLEMIN-NOËL, J. *Psicanálise e literatura*. São Paulo, Cultrix, 1983.

DE LEMOS, C. A criança e o linguista: modos de habitar a língua? *Revista GEL*, em 2014. Disponível no site: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/493/372>.

DERRIDA, J.; SANTOS, O. N. O que é uma tradução “relevante”? *Alfa Revista de Linguística*, v.44, 2000. Disponível em site: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4277>

DIDIER-WEILL, A. *Nota azul*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.

FREUD, S. Gradiva de Jensen e Outros Trabalhos (1906-1908). In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. IX*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913). In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOTLIB, Nádia. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora Ática, 1995

HAROLDO, C. O poeta da linguística. In. JAKOBSON, R. *Linguística, poética, cinema*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HOMEM, M.L. *No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector*. São Paulo: Boitempo: Edusp. 2012.

JAKOBSON, R. Linguística e poética In *Linguística e Comunicação*. 22ª edição. São Paulo: Cultrix, 2010.

CHRISTO OLIVEIRA, Eliane de. Sobre a linguagem poética e escuta na clínica psicanalítica. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 98-111, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

JOHN, D. *Reinventar a vida: narrativa e ressignificação na análise*. São Paulo: Editora Ideias & Letras. 2015.

LACAN, J. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. [1957-58] 1999.

_____. Joyce, o sintoma (1976). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. *O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 2008,62-64.

LISPECTOR, C. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Francisco Alves., 1991

PONTALIS, J.-B., MANGO, E. G. *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas. 2014.

ROUDINESCO, È. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.1998